



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

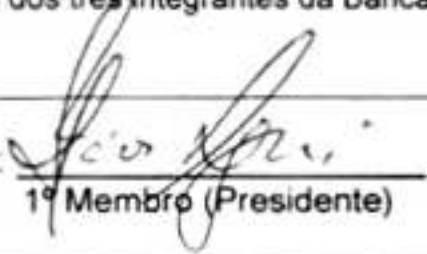
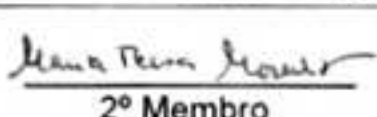
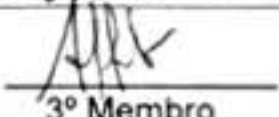
IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO

Nome do Candidato: ANA LUISA DA MATA GOMES		Matricula: 114 033 034
Título do Trabalho "TOCA: AFIRMAÇÃO DA MASTURBAÇÃO FEMININA COMO FORMA DE LIBERTAÇÃO DA REPRESSÃO SEXUAL."		
Orientador(a) Dr^a. Flávia Lages		
Categoria Monográfico	Data da Apresentação: 18/07/2019	

BANCA EXAMINADORA

1º Membro (Presidente): Dr^a. Flávia Lages
2º Membro: Dr^a. Maria Teresa Mattos de Moraes
3º Membro: Dr^a. Ana Lúcia Enne

AVALIAÇÃO:

Análise / Comentário		
<p>A BANCA CONSIDEROU O TEMA CARREGADO DE IMEDIATISMO E POTÊNCIA E O INTERESSE SUSCITADO PELO MESMO ATRAVÉS DE UMA ESCRITA FLUIDA.</p> <p>LOGOU-SE TAMBÉM AS DUAS PARTES APRESENTADAS: ARTIGO E PROJETO. O PRIMEIRO EM BASO AS V. SUA LIÇADES POSSIVEIS NA REALIZAÇÃO DO PROJETO PROPOSTO.</p>		
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora).		
9.5 - nove e meio -		
ASSINATURAS		
	1º Membro (Presidente)	2º Membro
		
		3º Membro

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

G633t Gomes, Ana Luisa da Mata Gomes
TOCA : Afirmação da Masturbação Feminina como Forma de
Libertação da Repressão Sexual / Ana Luisa da Mata Gomes
Gomes ; Flávia Lages, orientadora. Niterói, 2019.
40 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção
Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e
Comunicação Social, Niterói, 2019.

1. Sexualidade feminina. 2. Sexualidade; aspecto histórico.
3. Sexualidade; aspecto social. 4. Masturbação. 5.
Produção intelectual. I. Lages, Flávia, orientadora. II.
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e
Comunicação Social. III. Título.

CDD -



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL**

ANA LUISA DA MATA GOMES

TOCA

**Afirmção da Masturbação Feminina como Forma de Libertação da Repressão
Sexual**

ANA LUISA DA MATA GOMES

**Niterói
2019**

TOCA

Afirmção da Masturbação Feminina como Forma de Libertação da Repressão Sexual

Trabalho de conclusão de curso apresentado em 18 de
Julho de 2019, como requisito parcial para a
obtenção do grau de bacharel em Produção Cultural
pela Universidade Federal Fluminense.

Orientadora Acadêmica
Profa. Dra. Flávia Lages

Niterói
2019

ANA LUISA DA MATA GOMES

TOCA

Afirmação da Masturbação Feminina como Forma de Libertação da Repressão Sexual

Trabalho de conclusão de curso apresentado em 18 de
Julho de 2019, como requisito parcial para a
obtenção do grau de bacharel em Produção Cultural
pela Universidade Federal Fluminense.

Trabalho aprovado em 18 de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Flávia Lages (Orientadora Acadêmica)
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Ana Lúcia Enne (Avaliadora)
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Tetê Mattos (Avaliadora)
Universidade Federal Fluminense

Dedico esse trabalho as mulheres que construíram
comigo as minhas partes favoritas de mim. Sigamos
construindo juntas

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Roberto e Michelini, por serem o meu começo e por apoiarem meu crescimento incentivando a busca pelo conhecimento. Sou grata aos sacrifícios que fizeram para que eu pudesse ser a primeira pessoa da família a entrar em uma Universidade. À minha irmã, Maria Clara que me ensina a tanto tempo sobre afeto e sobre o que é viver sendo um exemplo. Aos meus avós Maria Emília e Ayrton que dedicaram toda sua vida ao cuidado e ao suporte. E a Maria das Graças, a vovó Dadá que é uma força da natureza. A Carlinha, Carol e Nina minhas companheiras.

As minhas amigas irmãs de alma, Alices, Gabi, Thais, Nana e Nathalia, que me acompanham e de longe torcem por mim e me dão forças pra ser mais e melhor. Às Minas Gerais, meu país, que trago comigo em forma de cuidado e afeto.

Agradeço em especial a UFF, instituição que me proporcionou o acesso às diversidades, às diferentes formas de viver e entender o mundo. As professoras Ana Enne, Marina e Flávia, e aos professores João, Luiz e Wallace que me guiaram num caminho de crescimento. Aqui sou grata pelos encontros com colegas que ampliaram minha visão e que estiveram abertos às trocas nesses cinco anos. Em especial ao irmão que eu encontrei aqui, Lucas e as minhas irmãs Yasmin e Luisa que daqui vão seguir comigo para as próximas etapas dessa aventura a vida.

Aos que estiveram comigo no final dessa saga, Micael, Matheus, Laís e Joana segurando a minha mão, somando e multiplicando afetos.

E a todas a mulheres que conquistaram os espaços pra que eu pudesse hoje estar falando abertamente sobre nossos corpos.

RESUMO

DA MATA, Ana Luisa. TOCA: Afirmação da Masturbação Feminina como Forma de Libertação da Repressão Sexual. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2019. (Monografia de Graduação).

Tendo como ponto de partida o fato de que a sexualidade feminina é um grande tabu na nossa sociedade, dirijo uma pesquisa que tem como propósito contextualizar a construção dessa repressão, tendo como eixo principal a prática da masturbação. Trago aqui um olhar sobre o processo histórico e as disputas que nos trazem até os dias de hoje, ainda lidando com o apagamento, a repressão e a culpa, mas recuperando a voz. A partir de análises de produções audiovisuais contemporâneas procuro enfatizar a importância de ter mulheres ocupando os espaços de criação e o potencial revolucionário de ter mulheres trocando entre si, se apropriando das suas narrativas sexuais.

Palavras chave: Masturbação Feminina, Repressão Sexual, Padrões normativos, Sexualidade

ABSTRACT

DA MATA, Ana Luisa. *TOCA: Affirmation of Female Masturbation as a Form of Liberation from Sexual Repression*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018. (Graduation Monography).

Taking as a starting point the fact that the female sexuality is a big taboo in our society, I lead a research which purpose is to contextualize the construction of this repression, having as its main axis the practice of masturbation. The study searches the historical process and the disputes that bring us to this day, still dealing with erasure, repression and guilt, but recovering the woman's voice. From the analysis of contemporary audiovisual productions, I try to emphasize the importance of women on occupying the top of the creation process and the revolutionary potential of having women exchange among themselves, appropriating their own sexual narratives

Keywords: Female Masturbation, Sexual Repression, Normative Standards, Sexuality

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	11
MODERNIDADE E CONTEMPORANEIDADE.....	14
METODOLOGIA E ANÁLISE FÍLMICA.....	18
MASTURBAÇÃO NO AUDIOVISUAL.....	19
CONCLUSÃO: RECONEXÃO E RESISTÊNCIA.....	23
BIBLIOGRAFIA.....	24

Suponho que me entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato. (...) Ou toca, ou não toca.”¹

INTRODUÇÃO

Buscando colocar nessa pesquisa o processo corpóreo e intelectual a partir do qual estabeleço uma ponte com o que julgo ser libertador no conhecimento ao qual tive acesso na academia, traço aqui um paralelo com a minha vivência pessoal que julgo ser essencial para a compreensão das minhas escolhas metodológicas. Em uma cidade do interior de Minas Gerais, majoritariamente regida por regras cristãs, a menina nem se lembra de já ter ouvido a palavra feminismo nem o termo culpa cristã. Entretanto, o que há de teorizado nessas áreas já a acompanhava na leitura de seu corpo que ousava explorar sua sexualidade e o fazia acompanhado da sensação de culpa e do cerceamento em movimentos que hoje reconhece como “*slutshaming*”². Na educação básica tradicional não encontrou instrumentos pra entender os abusos sexuais e psicológicos que viveu, mas na coletivização dessas experiências com suas pares foi que pôde desenvolver melhor sua relação com o vívido de seu vivido.

Esse artigo, que dá base a um curta metragem documental, nasce a partir do encontro transformador da menina-mulher com estudos antropológicos e sociológicos, que a levaram por um caminho de desnaturalização de certos fluxos sociais ao qual somos expostas desde o nascimento.

O mote do acesso ao conhecimento e da construção conjunta de um conhecimento sobre o mundo e sobre si guia a presente pesquisa. Não é sobre criar uma nova linha de pensamento ou levar informação a quem ainda não a acessou, mas sobre destrinchar um campo de noções, a princípio naturalizadas, a ponto de construir encontros e trocas potentes com as pessoas que vejam/leiam esta pesquisa. Encontros tais que possibilitem que elas mesmas acessem em si aquilo

¹ Clarice Lispector em entrevista concedida a Júlio Lerner em 1977.

² Termo sem tradução para o português cunhado pelo movimento feminista que abrange as formas de julgamento e condenação social das mulheres a partir de seu comportamento sexual

que proponho aqui pensar e sentir sobre se afetar de maneiras plurais no que toca o conhecimento acerca das construções sociais e sexuais nas nossas práticas diárias.

Dentre tantas nuances nos assuntos que tocam a sexualidade feminina, dedico essa pesquisa ao conceito de **masturbação** e sua desnaturalização como prática coibida por entendimentos normativos, na busca por sua potência de invenção. À partir de um breve histórico, trilho um caminho de instrumentalização para a futura leitora/leitor no percurso de desnaturalização de repressões que cercam os corpos femininos, expondo o caminho e as disputas por significação envolvidas no processo de apagamento e exploração da sexualidade feminina.

Exploro e questiono a representação da masturbação e sua associação com estereótipos a partir de análises em produtos audiovisuais. A ideia é traçar uma linha narrativa que passa pelas formas de representação da sexualidade a fim de explicitar como, através de processos repressivos, o prazer da mulher foi sobreposto às funções sociais de reprodução, submissão e permeado pela culpa.

A intenção é criar, nesse encontro, um espaço intensivo assim como as Rodas de Conversa Entre Mulheres³, que tanto me ensinaram e transformaram: como produzir isso a partir de um artigo e de um projeto monográfico?

Com o projeto que desenvolvo a partir dessa pesquisa busco abrir um caminho de conexão entre a pesquisa acadêmica e a criação de um conteúdo Audiovisual que traduza em uma linguagem acessível o conhecimento alcançado através da metodologia de pesquisa. A partir daí, trabalhar para a difusão do debate sobre um assunto estigmatizado; contribuir com material de consulta e informação em duas frentes de propagação de saber, ampliando a rede de acesso e assim o impacto na comunidade; e assessorar o combate aos estereótipos construídos em torno da masturbação, promovendo pelo encontro entre a exploração do saber empírico e o acadêmico um caminho de possibilidades de libertação do corpo e conexão com o mesmo.

³ Encontros promovidos por mulheres para falar de assuntos que tocam suas vidas e trajetórias

PERSPECTIVA HISTÓRICA

A masturbação foi ao longo do tempo repreendida pela sociedade, sendo vista como uma prática insalutífera para todo o corpo social e não um assunto exclusivo de interesse privado ou individual. Aqui será abordada a evolução das posturas acerca do auto prazer desde povos antigos até o início do século XXI e a importância do movimento feminista e do crescente acesso à informação multimídia que a internet proporciona na suavização da perspectiva da masturbação como um ato imoral. Começando pela antiguidade; segundo Rita Alves (2010), arqueólogos encontraram na ilha de Malta um monumento megalítico conhecido como templo de Hagar Qim, estátuas de argila de um homem se masturbando e a mais antiga representação de masturbação feminina já encontrada, a estátua data de cerca de 4 mil anos atrás. Sendo mais comum a representação da prática relacionada ao corpo masculino, a masturbação faz parte dos mitos fundadores de vários povos.

A crença em uma divindade que gera vida através de tal ato estava presente entre os antigos egípcios: no mito da criação do universo foi através da masturbação que, Atum, o Deus Sol, considerado o primeiro deus que existiu, teria criado a partir do seu sêmen e tendo como parceira divina a sua mão, o deus Shu e a deusa Tefnut que se tornariam os pais de todos os elementos do mundo (Alves, 2010). Apesar dessa visão sobre o surgimento do universo, os egípcios também acreditavam que se masturbar era um desperdício da energia vital e que poderia ocasionar a morte de quem praticasse o ato com frequência. Em outra mitologia, a deusa Isis condena o irmão Set e o filho Hórus por praticarem a masturbação mútua e como punição, decepou Hórus e em seguida ligou a mão dele ao corpo e ela própria o masturba para lhe restaurar todas as funções, exemplificando as atitudes dúbias dos Egípcios: a masturbação podia ser considerada um ato criativo ou um desperdício de potencial criativo (Alves, 2010).

Ainda segundo a autora (2010), passando pelas culturas orientais, os povos Hindus, tal como os Budistas, ligavam o prazer sexual à geração do chi ou *força vital*. A masturbação prolongada sem ejaculação era considerada uma forma de promover saúde e bem-estar; já a ejaculação constante, era considerada um desperdício dessa energia vital.

Os Gregos antigos viam o ato como uma forma saudável de substituir outras formas de prazer sexual, servindo de alternativa a frustração sexual. Nesse tempo, vemos a representação da masturbação como uma prática regular associada aos homens representados com pênis eretos, numa cultura extremamente falocêntrica, na qual o órgão genital masculino era objeto de veneração tanto espiritual quanto cotidiana, ao mesmo tempo que as mulheres ocupavam posições subalternas, estando geralmente designadas a reprodução e a maternidade. De toda forma, na representação artística, as mulheres gregas se destacam do resto da antiguidade, uma vez que são “muitas vezes retratadas usando falos artificiais feitos de couro, madeira ou de marfim para auto-satisfação” (Alves, 2010, p.17).

Entre os povos da antiguidade a relação com a masturbação varia bem e passa entre a aceitação e a condenação - às vezes até de forma paradoxal -, mas é na ascendência do pensamento Judaico-Cristão que a prática sexual de fato começa a sofrer represálias das quais temos marcas até os dias de hoje. Proibições, associações com a imoralidade, atitudes passíveis de serem punidas; visões que se desenvolvem junto a condição da prática não-procriativa e solitária além da condenação do prazer em si e de sua constante ligação com a culpa. Em contraste com as épocas anteriores, os teólogos da época medieval tinham um conceito que não deixa espaço pra interpretações dúbias, a masturbação agora é de fato um **pecado**⁴.

Rita (Alves, 2010) conta que, na Idade Média, a masturbação era considerada um pecado grave e era apenas mais um no rol de pecados associados à sexualidade, assim como a homossexualidade, o adultério, a fornicção, o incesto, a prostituição, a zoofilia... São Tomás de Aquino considerava a masturbação mais grave que o incesto por acreditar que o homem que se masturbava ia contra a vontade divina de gerar filhos.

Com o início da Modernidade e a falta de resposta para a causa de doenças que assolavam a Europa, como a sífilis, e com o surgimento do pensamento iluminista, a problemática do pecado começa a ganhar uma nova aliada à época: a ciência. Os cientistas e os médicos atribuíram ao que ficou conhecido como *sexo solitário*, ou *auto poluição*, uma série de disfunções. Uma publicação vista como

⁴ Desobediência a qualquer norma ou preceito religioso;

científica foi um panfleto distribuído por volta de 1712 intitulado: “*Onania, ou o hediondo pecado da auto-poluição e todas as suas consequências terríveis, em ambos os sexos considerado: com conselhos espirituais e físicos para aqueles que já feriram a si mesmos por esta prática abominável*”⁵. A lista de males causados pelo onanismo⁶ era tão grande quanto o título da obra e incluía: náusea, perda de apetite, tosse, perda de memória, espinha, pelo nas mãos, epilepsia, cegueira, loucura, tuberculose, impotência, diminuição da libido e até a morte. O diagnóstico era seguido de um tratamento com uma “Tintura Fortificante” (Strengthening Tincture) e um “Pó Prolífico” (Prolific Powder), assinalados como remédio para os praticantes do onanismo assim como a abstinência sexual. Apesar de o panfleto não ter sua autoria ou veracidade confirmada, causou reboliço (Alves, 2010).

Por volta de 1760, Samuel-Auguste Tissot publica o livro *L’Onanisme: Dissertation Sur Les Maladies Produites Par Le Masturbation* (O Onanismo: Dissertação Sobre Doenças Produzidas Pela Masturbação), que entrelaça dogmas religiosos com metodologia científica e atribui à masturbação uma série de doenças e desequilíbrios. Ao contrário do autor do panfletos, Tissot era um médico respeitado no meio e seu livro, traduzido em muitas línguas, se espalhou pelo mundo. Segundo o pesquisador Joaquim Tavares da Conceição (2015), influenciados pela obra de Tissot, os médicos brasileiros, no século XIX, impuseram uma ‘campanha’ de combate ao onanismo nos colégios internos, que receberam orientações higiênicas para para que diretores e professores dos internatos evitassem que o “vício” na masturbação se espalhasse entre os estudantes.

Estima-se que do início de Modernidade até o século XIX distorções na religião e na ciência evoluíram de tal forma que a masturbação passa a ser agente causadora de dois terços de todas as doenças. Além disso o modelo médico

⁵ título traduzido do original: “Onania; or the Heinous Sin of Self- pollution, and its Frightful Consequences in both SEXES Consider’d, with Spiritual and Physical Advice to those who have already injured themselves by this abominable practice”

⁶ De acordo com o Livro de Gênesis, Deus matou Er, irmão mais velho de Onan. Sob a lei judaica, era requerido a um homem que procriasse com a viúva de seu irmão. Judá pede então que Onan tenha relações sexuais com Tamar, esposa de seu irmão, para que a descendência pudesse ser considerada de Er. Pela descrição que é apresentada Onan espalhou a semente no chão. Por essa razão, foi também ele morto por Deus. Tratando-se embora de um caso de *coitus interruptus*, foi encarado como um juízo sobre os masturbadores, sendo ainda hoje usados os termos —onanismo e masturbação como sinónimos.

desenvolvido no século caracterizava como doença outros diversos aspectos da sexualidade como a homossexualidade, nudismo e a contracepção (Alves, 2010).

MODERNIDADE E CONTEMPORANEIDADE

Não há dúvidas de que hoje ainda lidamos com a realidade do cerceamento dos corpos femininos e da sexualidade, porém como isso chegou a se constituir? Como seguimos constituindo tal cerceamento em nossas práticas diárias e como constituí-los de outras formas? Como entender o tabu como uma construção histórica e não como algo naturalizado?

A construção da ideia da sexualidade se constitui na modernidade também a partir de disputas, e a partir desses processos podemos entender a constante transformação social pela qual evoluem (não necessariamente de forma linear). No trecho a seguir Foucault sintetiza esse processo abrangendo sua complexidade e nos transporta por um caminho que revela a dimensão do cruzamento entre o entendimento da sexualidade e as formas de controle social.

"Vemos claramente: é o dispositivo de sexualidade que, em suas diferentes estratégias, instaura essa idéia 'do sexo' e o faz aparecer, sob as quatro grandes formas - da histeria, do onanismo, do fetichismo e do coito interrompido - como sendo submetido ao jogo do todo e da parte, do princípio e da falta, da ausência e da presença, do excesso e da deficiência, da função e do instinto, da finalidade e do sentido, do real e do prazer. Assim, formou-se pouco a pouco a armação de uma teoria geral do sexo" (FOUCAULT, 2001, p. 144).

Ainda segundo Foucault (1979), os controles da masturbação praticamente só começaram na Europa durante o século XVIII, salientando que no mesmo século a Igreja Católica foi perdendo terreno para o saber médico, desencadeando o pânico, a necessidade do controle e da vigilância e uma crescente objetivação da sexualidade como uma perseguição dos corpos. Ou seja, antes disso o **debate** sobre o ato de se auto estimular sexualmente não alcançava o nível popular, e quando começam a surgir autores e campanhas abordando o tema, entende-se que a população em geral ainda não tivera acessado uma discussão objetiva sobre a prática da masturbação. (ALVES, 2010)

No fim do século XIX, a sexualidade encontra um caminho de maior esclarecimento nas áreas tanto da biologia quanto da psicologia e como consequência os controles dos corpos vão ganhando formas a partir do desenvolvimento da psicanálise e da medicina, que entre outras coisas passam a culpabilizar o indivíduo que se masturba, o colocando sob a ameaça dos diagnósticos que pairavam sobre o corpo físico e a mente. É evidente que faço aqui uma análise reducionista do período, que por sua vez tem consequências importantíssimas para o avanço de pesquisas na área da saúde. No entanto o entendimento desses movimentos pela ótica dos efeitos causados no processo de construção de uma idéia de sexualidade aplicada socialmente, é essencial para a estrutura que encontramos:

"Poder-se-iam citar outros focos que, a partir do século XVIII ou do século XIX, entraram em atividade para suscitar os discursos sobre o sexo. Inicialmente, a medicina, por intermédio das 'doenças dos nervos'; em seguida, a psiquiatria, quando começa a procurar - do lado da 'extravagância', depois do onanismo, mais tarde da insatisfação e das 'fraudes contra a procriação', a etiologia das doenças mentais e, sobretudo quando anexa ao seu domínio exclusivo, o conjunto das perversões sexuais."(FOUCAULT, 2001, p. 32)

O resultado desse processo de repressão e instauração do medo foi surgindo em formas das mais violentas e as medidas tomadas iam desde a disciplina física às mutilações genitais, entre as práticas estava a circuncisão feminina ou a remoção do clitóris para impedir que as mulheres tivessem orgasmos. Entre 1856 e 1932 foram aprovadas 33 patentes para “engenhos anti-masturbação”, os aparelhos eram desenvolvidos por médicos e moralistas a fim de impedir a excitação do indivíduo e consequentemente impedir que o ato da masturbação fosse praticado. (ALVES, 2010)

O final deste século também é marcado pela introdução do vibrador como forma de tratamento para a **histeria** em mulheres, uma vez que a condição poderia ser associada ao excesso de tensão sexual. O tratamento consistia na estimulação do clitóris até que a mulher sentisse uma sensação de libertação, no caso, até que atingisse o orgasmo. Os vibradores ofereciam um meio mais rápido e eficaz para tratar os sintomas, mas quando começaram a ser protagonistas de pequenas

produções pornográficas, deixaram de cair em graça no âmbito da medicina, encontrando um lugar de destaque em outras esferas (Laqueur apud Alves, 2010). Ainda sobre os vibradores segundo a escritora Márcia Kedouk (2015), os vibradores eram parte da cartela de consumo da mulher “do lar”, eram vendidos e anunciados nos jornais tanto quanto um eletrodoméstico qualquer, enquanto eram vistos como uma ferramenta associada à saúde do casamento. Ainda segundo a autora é possível imaginar que muitos vibradores possam ter sido vendidos para donas de casa de famílias tradicionais até que os debates acerca da sexualidade feminina ganham atenção, levando ao entendimento de que as máquinas medicinais eram fontes de auto-prazer. Iniciando um processo de quebra com o estigma da mulher histérica, uma vez que o debate sobre a liberdade sexual feminina se apropria do brinqueado como ferramenta de auto afirmação da *existência* do prazer feminino. Como ilustra a autora, de maneira provocativa:

“Hoje, sabe-se que a histeria não passa de um diagnóstico equivocadamente inventado por homens para explicar o que até hoje ainda é tabu: o desejo feminino” (KEDOUK, Márcia)

O século XX ficou marcado por fortes mudanças na comunidade médica, a descoberta da causa real das doenças antes atribuídas a distúrbios morais propõe um novo caminho pros estudos acerca da sexualidade. Nos anos 50 e 60 surge uma maior discussão sobre sexo e sexualidade e o conservadorismo começa a ser mais questionado nesse campo. Uma das primeiras pesquisas importantes sobre sexo revela questões sobre a sexualidade da mulher e desmistifica uma série de pensamentos acerca dela. Em 1953, na obra Comportamento Sexual da Fêmea Humana (*Sexual Behavior in the Human Female*), desenvolvido por Alfred C. Kinsey, Wardell B. Pomeroy, Clyde E. Martin e Paul H. Gebhard, revoluciona a forma de pensar a sexualidade e a masturbação, evidenciando que o desejo sexual feminino era tão pulsante quanto o masculino. O trabalho polêmico de Kinsey e seus colegas foi precursor da revolução sexual a partir dos anos 1960.

Betty Dodson apelidada de a Avó da Masturbação, publicou nos anos 1970 o livro *Liberating Masturbation: a Meditation on Self Love*. O livro, que mais tarde foi alterado e lançado como *Sex for One* foi uma das primeiras e, sem dúvida, das mais

significativas obras para a masturbação feminina. A partir do livro, Betty virou referência no assunto e passou a fazer workshops, vídeos e palestras sobre masturbação, ela considerava a prática um ato *político* assim como um *ato de amor profundo e transformador*, e ainda hoje fala sobre os benefícios do auto-amor.

Nos anos 1970 as chamadas Feministas da Segunda Onda colocaram em pauta a sexualidade feminina. “OUR BODIES, OURSELVES” é um livro produzido pelo coletivo de mulheres “Boston Women’s Health Book Collective” que culminou em uma série de articulações políticas entre os movimentos de mulheres no mundo e na América Latina. Traduzido e adaptado por grupos feministas em diversos contextos políticos e culturais pelo mundo, o livro discute uma gama de temas sobre a vida sexual e reprodutiva na perspectiva das próprias mulheres. Com tópicos sobre saúde e orientação sexual, identidade de gênero, controle de natalidade, aborto, gravidez e parto, violência, abuso e menopausa, o livro foi revolucionário na medida em que incentivou as mulheres a celebrar sua sexualidade, também com capítulos que contemplam a sexualidade lésbica e independência sexual.

O movimento em direção ao engajamento ativo das mulheres com seus reais desejos sexuais vem a serviço de desmistificar a forma popular da leitura das mulheres como seres “dóceis e passivos” e que coloca os homens como “ativos e agressivos” em um relacionamento sexual, além de alargar a discussão acerca da sexualidade das mulheres lésbicas.

Daí pra frente o mercado para a literatura sobre sexo e descobertas para as mulheres cresceu tanto quanto o das *sex shops*, e o acesso a esse tipo de produtos para mulheres se ampliou consideravelmente. Um momento de grandes revoluções no campo da produção de saber por e para mulheres. Também desde os anos 70, existe a luta das mulheres negras que se difere da luta das mulheres brancas na luta por uma sexualidade livre. O corpo da mulher negra é hipersexualizado de uma forma específica e intersecciona duas vivências, oprimidas sistematicamente pelo machismo e pelo racismo. É importante levar em consideração que existem várias possibilidades de ser mulher: a mulher negra, a mulher branca, a mulher indígena, a mulher lésbica, a mulher trans, a mulher pobre... Não pensar nas nuances é deixar um grupo grande de mulheres de fora desse diálogo. O movimento feminista, durante muito tempo foi um movimento de mulheres brancas da classe média que

estavam preocupadas com as opressões que atingiam a elas, ignorando as opressões que as outras mulheres numa posição ainda mais vulnerável, sofriam.

Hoje falamos do **feminismo interseccional** como uma vertente/ferramenta de análise do feminismo que diz respeito às intersecções ou recortes de opressões e vivências que devem ser introduzidas nas análises de estruturas sociais de dominação e exploração, assim como os sujeitos que são atingidos.

Com o acesso facilitado pela internet, sites especializados em prazer feminino, com filmes eróticos produzidos por mulheres, literatura erótica e marketplaces destinados a venda de brinquedos eróticos criam o que percebo hoje como um movimento de empoderamento do corpo da feminino em relação ao prazer. Em 1994, a pediatra Joycelyn Elders Cirurgiã-Geral dos Estados Unidos, porta-voz do governo em assuntos de saúde pública é interrogada sobre o papel da masturbação na prevenção de comportamentos sexuais de risco, e declara que o auto-prazer é “parte da sexualidade humana, e deveria ser ensinado” nas aulas de educação sexual nas escolas. A declaração custou o cargo de Elders, o que provocou a reação de mulheres inseridas no debate, a sexóloga Carol Queen a frente da rede de sex-shops Good Vibrations, criada em 1977 por Joani Black de forma a oferecer uma alternativa às habituais livrarias de adultos para seus livros sobre educação sexual, declarou Maio como o **Mês Nacional da Masturbação** nos EUA: 31 dias dedicados à celebração do autoprazer. A iniciativa tem sido cada vez mais acolhida e celebrada em todo o mundo e diversas páginas e canais de comunicação usam o mês para falar sobre a sexualidade feminina.

Em seguida uma análise desses lugares que surgem a partir desse movimento.

METODOLOGIA E ANÁLISE FÍLMICA

Escolhi começar esta pesquisa através de uma análise histórica e antropológica da masturbação na intenção de, de alguma maneira, reconstruir um pouco do que foi parte do meu processo de autoconhecimento e libertação sexual ao encontrar sobre tais modos de pensar a sociedade a partir de um viés

sociopolítico. Porém, não me limito a tais estudos, também por minha história: o conhecimento acadêmico, além de ser socialmente direcionado a uma parcela bastante específica da sociedade, só pôde produzir efeitos na minha maneira de entender e expressar aliado às trocas em outros níveis. Através, por exemplo, da coletivização das vivências e da associação da realidade vivida com a representada em produtos culturais tais como filmes, séries, músicas e eventos pensados por e para mulheres no intuito de promover trocas, inclusive no contexto das Rodas de Conversa supracitadas. É daí que nasce a minha aposta no audiovisual, numa ideia de linguagem complementar a acadêmica que afete as pessoas, e de outras maneiras.

Por que estudar o audiovisual num trabalho de pesquisa na área dos estudos culturais? A análise das representações da masturbação no audiovisual é de grande pertinência para várias áreas do saber, dado o alcance dos poderosos veículos de informação onde os filmes, séries e produções em diversos formatos no *Youtube* e no *Instagram* são grandes mediadores da experiência social, através dos quais se criam e se solidificam, por exemplo, noções de identidade. Constituindo assim uma importante via de construção social e de representação dos modelos vigentes de pensar e agir. Comumente chamados de “influenciadores”, as produtoras e produtores de conteúdo nas plataformas digitais têm milhares de seguidores e criam nichos dentro da plataforma. No meu processo de pesquisa me deparei com um nicho de mulheres que falam sobre feminismo e algumas chegam a falar sobre sexualidade e masturbação, vamos analisar alguns desses vídeos a fim de introduzir aqui o que têm colocado no mundo as mulheres que ousam produzir.

MASTURBAÇÃO NO AUDIOVISUAL

Numa análise da história da sexualidade feminina, pudemos observar os caminhos tortuosos das abordagens do tema nos meios de representação e significação. A saúde, a educação e a construção de padrões de apresentação da temática da masturbação na produção audiovisual refletem a problemática da repressão sexual inserida nos segmentos sociais.

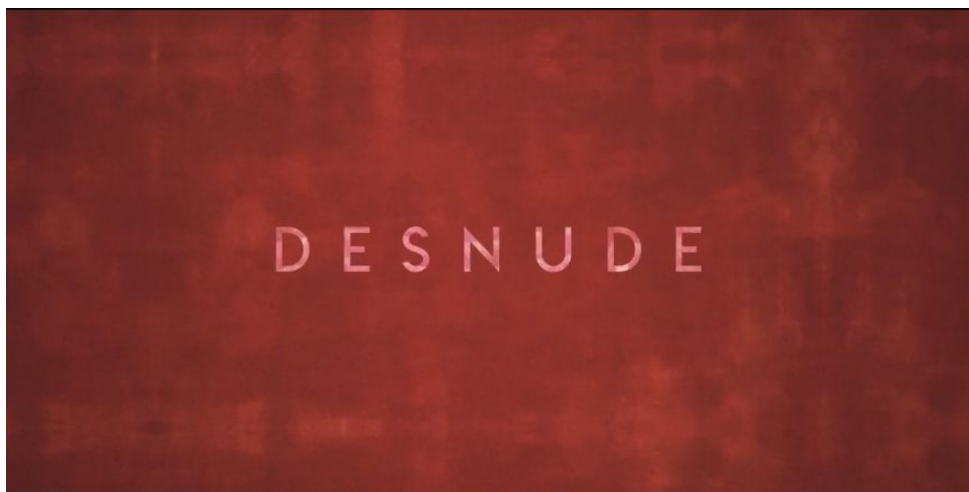
Aqui entendo essa autonomia em relação a sexualidade como uma ferramenta de instrumentalização da luta pela quebra de algumas frentes da repressão patriarcal, diretamente aliada a autonomia na produção. A partir do conceito da “expropriação organizada da sexualidade” que cunha Catharine MacKinnon (1991) ativista feminista estadunidense:

“A sexualidade é para o feminismo o que o trabalho é para o marxismo: aquilo que mais nos pertence, e o que mais nos é tomado (...). Assim como a expropriação organizada do trabalho de alguns para o benefício de outros define classe e trabalhadores, a expropriação organizada da sexualidade de algumas para o uso de outros define sexo e mulheres. || (MACKINNON, 1991, p. 3).”

Dissecando alguns recortes da estrutura que sustenta a problemática da “expropriação organizada da sexualidade” através da sua exploração no universo midiático e nos valores difundidos a partir daí, poderemos enxergar com mais clareza a conexão direta entre a Autonomia Sexual Feminina e a busca por equiparidade de gêneros nas esferas sociais.

Desnude

A primeira das três análises que escolhi fazer é a da série **Desnude**: uma série produzida pela *Conspiração Filmes* e exibida pelo GNT (Globosat) entre 5 e 16 de março de 2018 em 10 episódios.



A série *Desnude* se propõe a tratar de um assunto fortemente pautado pela visão masculina, mas através do olhar da mulher: a sexualidade feminina. Há muito o que ser explorado e desconstruído quando o assunto é a sexualidade da mulher e, muitas das tentativas no sentido de descobrir o que elas querem no campo do erótico, foram feitas por homens. Na série, a mulher assume o seu protagonismo sobre a questão e dita as regras para a conformação do que é prazer sob o seu ponto de vista.

Desnude é a primeira série do gênero a ser criada e produzida por mulheres, e a equipe envolvida na sua realização é composta majoritariamente por mulheres, um fato muito importante visto que as produções desse porte envolve centenas de pessoas.

O **capítulo 8**, do qual falarei aqui, é sobre Eva, a menina tímida da escola que tem vergonha de tudo e reza pra poder ser um pouco mais como as amigas. A personagem sente culpa por não ser a menina que gostaria e em uma de suas reflexões cita o que o Padre falou sobre o seu nome: *“Padre disse que Eva despertou a vergonha nos homens deve ser verdade eu morro de vergonha de tudo”*.

Eva encontra o prazer no sexo com um fantasma que surge a noite no seu quarto no que eu penso ser uma analogia ao prazer solitário. A partir daí a personagem se apresenta mais confortável, com seu corpo e entre as amigas. Em uma cena que Eva fala com o “fantasma” ela pergunta se é menino ou menina, e diz achar que as vezes é uma menina e as vezes menino. A série como um todo é um processo de empoderamento do erótico dentro do universo feminino e uma retomada de narrativa de um gênero que virou um gigante se apoiando na objetificação dos corpos das mulheres.

Tá Querida



Masturbação Feminina | Tá, Querida!

254.440 visualizações

👍 15 MIL 🗨️ 277 ➔ COMPARTILHAR 📌 SALVAR ...

Luiza Junqueira tem um canal no Youtube onde ela fala de autoestima, empoderamento feminino e atividades cotidianas com leveza e senso de importância. Nesse vídeo ela aborda o tema: **Masturbação Feminina**.

Logo no começo ela afirma que o vídeo vem de uma vontade de entender o por que da siririca⁷ ser um tabu enquanto a punheta⁸ é “normal e incentivada”. Ela conta que fez uma pesquisa em um grupo de amigas que foram questionadas acerca da sua primeira masturbação, ou a primeira memória relacionada ao tema: a maioria afirma ter começado por volta dos 11 anos e meio e todas elas relatam sentir culpa na época e ainda depois de mais velhas. Em contraponto com os meninos que são muito incentivados a se masturbarem. Luiza pontua, se posicionando, que a sexualidade feminina só é interessante quando é objeto de prazer para um homem e atribui isso ao nosso sistema de opressão patriarcal.

Usando de relatos pessoais, ferramenta amplamente utilizada em produções para o Youtube, Luiza reflete sobre a forma como foi entendendo a sexualidade e cita o momento em que questiona uma tia sobre o significado da palavra orgasmo. No momento em que se viu cercada de adultos desconfortáveis com a pergunta é levada a acreditar que a sexualidade é uma coisa proibida. Principalmente para as

⁷ termo usado para se referir a masturbação feminina

⁸ termo usado para se referir a masturbação masculina

meninas. No relato das amigas ainda apareceram situações onde os pais puniam violentamente, quando se deparavam com a menina se masturbando.

Vejo nesse formato uma ferramenta potente de transformação do indivíduo, uma vez que o acesso a vivências que possivelmente conversam entre si, problematizam as bases em que são construídas nossas ideias de sexualidade. No canal da Luiza assim como nas Rodas de Conversa nascem, da potência do encontro com a outra, uma nova possibilidade de olhar pra si e de se apropriar da própria narrativa.

RECONEXÃO E RESISTÊNCIA

De forma a encaixar a proposta da reconexão não apenas no corpo, mas na militância acredito que seja essencial trazer pra nossa voz os assuntos que foram majoritariamente ditados por homens ao longo da nossa construção social. Se hoje encontramos caminhos para dizer por nós mesmas é porque mulheres ousaram ocupar espaços que não eram a elas designados.

Entender que ao falar uma com as outras e extrair disso a base pra uma construção individual fortalecida, amparada, utilizamos de uma ferramenta potente de articulação em função do combate às formas de repressão corporal. Enxergar no toque o potencial transformador do afeto.

Muito tem que ser dito a respeito da sexualidade das mulheres e suas particularidades, e ao fazer um panorama geral da história da repressão é provável que tenha deixado de lado muitas das nuances que acompanham esse movimento. É importante ressaltar que aqui falo do lugar de onde eu vejo, enquanto mulher cis, branca e que a compreensão dos movimentos de repressão passam por camadas que se sobrepõem. Com o projeto de documentário que segue esse artigo espero traduzir melhor essas nuances.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rita Manuela Ferreira Alcaire. *Ménage à moi: estudo sobre as representações da masturbação na televisão e no cinema: mainstream*. 2010. Dissertação de Mestrado.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares. 'Vícios execráveis': campanha médica de combate à masturbação e à homossexualidade entre os pensionistas de colégios-internatos (1845-1927). *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 15, n. 2 [38], p. 111-132, 2015.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2011, 254p.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder; organização e tradução de Roberto Machado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, v. 4, 1979.

_____. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

Geller B. e Greydanus D. (1980). *Masturbation: historic perspective in New York State Journal of Medicine*, Novembro.

PEREIRA, Patrícia Cristine. *Educação sexual familiar e religiosidade nas concepções sobre masturbação de jovens evangélicos*. 2014. 151 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014.

<http://www.noharmm.org/money.htm>

<https://super.abril.com.br/ciencia/o-prazer-em-suas-maos/>

<https://aeon.co/essays/the-body-as-amusement-park-a-history-of-masturbation>

https://www.youtube.com/watch?v=nfpMGgb3_6M

T O C A



UM DOCUMENTÁRIO DE

ANA LUISA DAMATA

PROJETO DO DOCUMENTÁRIO: TOCA

INTRODUÇÃO

TOCA vem trazer pra linguagem do audiovisual uma ferramenta informativa de fácil acesso que fale sobre a sexualidade feminina. Através de entrevistas com 2 mulheres que pesquisam e falam sobre o assunto, introduziremos a perspectiva histórica da construção da sexualidade como o tabu que conhecemos hoje. A partir dessa introdução informativa vamos desenvolver uma conversa que passe pelas experiências individuais de cada uma delas e de mais 3 mulheres associando as vivências a conceitos que surgem na perspectiva histórica. Conceitos como culpa, repressão e afastamento dos corpos.

Partindo de um olhar que acredita que da troca de experiências num espaço reservado pra elas nascem as formas mais potentes de articulação e resistência, o documentário surge da vontade de dar voz à mulheres que se dedicam ao aprofundamento das questões que cercam os nossos corpos e as nossas formas de sentir prazer e pretende experimentar artisticamente formas de colocar em vídeo a experiência de mulheres diversas.

O filme tem em sua estrutura o depoimento de 2 mulheres que mergulharam no universo da sexualidade e da militância feminista e que têm como missão levar o debate a público a despeito do tabu, e de mais 3 mulheres de realidades distintas que vêm pra trazer um olhar diverso sobre as vivências individuais.

Esse projeto tem como objetivo promover o encontro. Encontro de mulheres envolvidas na militância com todas as outras que se interessarem pela história da sexualidade feminina contada por mulheres. Num filme de 30 minutos a ideia é propiciar um ambiente confortável onde cada uma das mulheres consiga se conectar com suas questões e trazê-las de forma associativa, se expressando com a força da individualidade em uma experiência coletiva potencializadora.

O documentário será exibido em um evento que convidará mulheres para a exibição seguida de uma roda de conversa com as participantes. A produção se

encontra em sua fase final de pesquisa e com as estratégias de captação de recursos em andamento.

SINOPSE

TOCA é um documentário que dá voz a jovens pesquisadoras e ativistas abordando a repressão à sexualidade feminina e trazendo provocações acerca da importância da masturbação num processo de autoconhecimento e autonomia do prazer.

JUSTIFICATIVA

Acredito na importância de explorar o tema para desenvolver questionamentos a partir das intersecções a serem pensadas dentro desse campo de disputa por significação, identificar as implicações das construções sociais, pensar o capitalismo, a misoginia, o controle dos corpos, o aborto, a violência obstétrica, o reducionismo dos termos saúde e mulher e discutir as consequências dessas disputas no campo simbólico e suas implicações. Pensar no campo da autoridade moral a valoração das práticas relacionadas ao conhecimento construído com base nas vivências. Levando em consideração que o cerne da explicação teórica é a experiência concreta da vivência de mundo. E que reconexão e resistência andam juntas no que toca a sexualidade feminina.

Desenvolvo esse projeto, acreditando que a organização do movimento Feminista e as mulheres enquanto indivíduos conquistam, através da autonomia, ferramentas para quebrar com as consequências da *expropriação organizada da sexualidade*.

OBJETIVOS

GERAL: O projeto tem como objetivo trazer pra linguagem do audiovisual uma ferramenta informativa de fácil acesso que fale sobre a sexualidade feminina. Partindo de um olhar que acredita que da troca de experiências num espaço reservado pra elas nascem as formas mais potentes de articulação e resistência.

ESPECÍFICO:

- Por intermédio do desenvolvimento de um produto audiovisual sobre o tema, gerar conhecimento sobre sexualidade feminina no Brasil e educar, oferecendo nos mais diversos suportes, informação sobre o tema.
- Através das vivências e argumentação das mulheres entrevistadas, nortear um caminho para desconstrução de estereótipos e estabelecer um mecanismo de conscientização coletiva sobre o apagamento da sexualidade feminina e os entraves sofridos dentro do meio social.
- Fomentar o trabalho de produtoras, uma vez que o filme será realizado em todas as suas etapas por mulheres se desenvolvendo no campo do audiovisual.
- Dar visibilidade a pesquisa dessas mulheres.
- Destacar a importância dos debates sobre a sexualidade feminina para as mulheres e pra sociedade de maneira geral

PÚBLICO ALVO

O documentário TOCA tem como target primário mulheres com interesse nas questões da luta feminista, das classes A, B e C, de 18 a 35 anos. Como target secundário, por se tratar de questões pertinentes a comunidade feminina como um todo, abrange também o público de mulheres que de uma forma ou de outra buscam por autonomia no conhecimento. Por possuir uma linguagem coloquial, própria da oralidade que segue a proposta de criar um ambiente confortável para as entrevistadas em questão, alcança também jovens adultos de maneira geral, além de pessoas que se interessam por documentários e debates sobre comportamento e sexualidade.

AÇÕES

- Pesquisa sobre sexualidade feminina em perspectiva histórica
- Busca de mulheres envolvidas na militância e na pesquisa sobre a temática

- Busca de mulheres interessadas no tema que se sintam confortáveis para falar sobre masturbação de forma íntima e na frente de câmeras
- Desenvolvimento de esqueleto narrativo e proposta de direção (Roteiro)
- Definição de equipe
- Desenvolvimento de orçamento e estratégia para captação de recursos
- Reuniões de produção
- Visita a locações
- Desenvolvimento de proposta de Arte
- Definição e desenvolvimento de identidade gráfica
- Agendamento e autorização de locação
- Agendamento entrevistas
- Requerimento de autorização de uso de imagem
- Aluguel de equipamentos (Som e Vídeo)
- Transporte de equipamentos e pessoas
- Planejamento de alimentação para equipe e entrevistadas
- Fechamento da Ordem do Dia
- Filmagens
- Pós produção: Montagem, mixagem e correção de cor
- Planejamento e divulgação do evento de exibição

CRONOGRAMA

CRONOGRAMA FÍSICO/SINTÉTICO TOCA			
Nome da obra:		TOCA	
Direção:		Ana Luisa da Mata	
DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES			
1	Desenvolvimento de Projeto	jun-19	
2	Pré-Produção	jul/agosto-19	
3	Produção	agosto-19	
4	Pós-Produção	agosto-19	
5	Exibição	set-19	
Itens	Etapa	Data Início	Data Fim
1	Desenvolvimento de projeto	jun-19	jul-19
1.2	Pesquisa	jun-19	jun-19
2	Pré-produção	jul-19	ago-19
2.1	Desenvolvimento roteiro	jun-19	jul-19
2.2	Definição de equipe	jul-19	jul-19
2.3	Orçamento e captação de recursos	jul-19	jul-19
2.4	Mapeamento entrevistados	jul-19	ago-19
2.5	Reuniões de produção	jul-19	jul-19
3	Produção	ago-19	ago-19
3.1	Logística equipe e entrevistados	ago-19	ago-19
3.2	Execução das filmagens	ago-19	ago-19
4	Pós-Produção / Finalização	ago-19	ago-19
4.1	Montagem e edição	ago-19	ago-19
4.2	Correção de cor	ago-19	ago-19
Engavetamento do projeto			
5	Exibição		
5.1	Lançamento em Evento	set-19	set-19
Prazo total da execução (em meses): 3 meses			

Captação de Recursos

Me baseando na possível vendabilidade do projeto e na minha vontade de construir um trabalho em equipe que fomente o trabalho da produção, concluí que seria essencial o desenvolvimento de um material visual e de uma estratégia para a captação de recursos. Mapeando marcas que têm como proposta o fomento do mercado de produtos que compõem a luta pela autonomia feminina. Considero valores de remuneração de equipe das tabelas do Sicav (Sindicato Interestadual da Indústria Audiovisual) e da Abra (Associação Brasileira de Autores Roteiristas) e insiro no orçamento na aba **Total Ideal** e na aba **Total** coloco valores dos materiais e custos de transporte sem levar em consideração os gastos com salário de equipe, por se tratar de um projeto de pequeno porte e considerando que o apoio pode vir de outras formas: apoio de catering, apoio de locação etc...

ORÇAMENTO

ORÇAMENTO TOCA							
Nome da obra:		TOCA					
Direção:		Ana Luisa da Mata					
*os valores dos salários que constam na coluna Total Ideal foram retirados da tabela do Sicav e da Abra. Por se tratar de um projeto de pequeno porte, a coluna Total revelará os valores realistas para a produção							
Itens	Descrição dos Itens	qtde unid/s	unidade	qtde item	Valor unitário	Total Ideal	Total
1	Desenvolvimento de Projeto						
1.1	Pesquisa	2	semana	1	3.347,61	6.695,00	0,00
2	Pré-Produção						
2.1	Roteiro	1	semana	1		5.150,00	0,00
2.2	Equipe						
	D. Produção	4	semanas	1	3.347,61	13.390,44	0,00
	1° Ass. de Produção	1	semana	1	2.045,75	2.045,75	0,00
	Direção	4	semanas	1	4.835,47	19.341,88	0,00
	1° Ass. de Direção	4	semanas	1	2.417,72	9.670,88	0,00
	D. Fotografia (pré-light)	1	diária	1	1.880,56	1.880,56	0,00
	D. Arte	1	semanas	1	3.347,00	3.347,00	0,00
2.3	Transporte						0,00
2.4	Gráfica/ impressões	10	unidade	1	1,00		10,00
2.5	Arte/Cenografia	1	unidade	1	300,00	300,00	300,00
2.6	Material de Arte	5	unidade	1	60,00	300,00	300,00
3	Produção e Filmagem						
3.1	Equipe						
	Direção	1	diária	1	-	-	0,00
	Ass de Direção	1	diária	1	-	-	0,00
	Produção	1	diária	1	-	-	0,00
	Ass de Produção	1	diária	1	-	-	0,00
	D. Fotografia	1	diária	1	1.880,56	1.880,56	0,00
	D. Arte	1	diária	1	-	-	0,00
3.2	Equipamentos						0,00
	Canon t5i + tripé	1	diária	1	135,00	135,00	0,00
3,3	Alimentação						0,00
	coffee break	1	unidade	1	100,00	100,00	100,00
3.4	Transporte equipe e entrevistados	13	unidade	2	15,00	390,00	390,00
4	Pós-Produção						
4.1	Equipe						
	Direção	2	semanas	1	4.835,47	9.670,94	0,00
	D. de Editor/Montador	2	semanas	1	3234,44	6.468,88	0,00
4.2	Ilha Edição de imagens / som	2	semanas	1	131,23	1.443,49	0,00
	Total Geral					75.616,89	1.100,00

ROTEIRO (Fio Narrativo)

*a ordem e as perguntas podem ser realocadas e/ou modificadas de acordo com as demandas orgânicas do momento da entrevista.

*para fins de facilitação de compreensão as mulheres que falarão de suas pesquisas serão chamadas de *especialistas*

BLOCO 1

As especialistas são convidadas individualmente a contextualizar sua pesquisa, os caminhos que as levaram até essa área e as formas que a pesquisa toma.

- abrir a fala pra contexto
- entender as experiências individuais a partir da inserção na sexualidade, entender os processos de repressão e os conceitos de culpa ligados a pressão social religiosidade e senso comum.
- o que faz com que você decida se dedicar aos estudos sobre a sexualidade feminina?
- em que contexto isso se relaciona com a sua trajetória pessoal?
- como isso te afeta de maneira individual.
- qual a importância das experiências das mulheres que te cercam pra construção do seu pensamento em relação a sexualidade.

Todas as mulheres que serão entrevistadas estarão em set durante as entrevistas individuais para que haja uma confluência de ideias

BLOCO 2

Todas as mulheres serão entrevistadas também individualmente e nesse bloco as especialistas e as outras 3 meninas recebem as perguntas a seguir

- Qual a sua primeira memória ligada a masturbação?
- Com que idade você começou a se masturbar?
- Qual a relação da sua masturbação com a culpa nesse começo e qual a primeira memória relacionada a algum tipo de repressão?
- ter seu corpo objetificado socialmente influi na sua leitura do seu próprio corpo e na sua auto permissão do prazer?

BLOCO 3

Aqui vamos focar na experiência individual de cada uma com a masturbação de forma mais íntima, levando em consideração que um pré requisito pra participar do documentário é se sentir confortável falando sobre.

- você se masturba?
- qual é o lugar da masturbação no seu dia-a-dia? ela ta relacionada a algum tipo de ritual? *ex: se masturba quando acorda ou quando vai dormir ou pra aliviar estresse etc...
- **como** você se masturba? *ex: usa algum objeto, estímulo visual etc...
- qual sua relação com a masturbação hoje? a culpa ainda é uma questão?
- você conversa sobre isso com suas amigas?
- e com os amigos?
- você fala sobre isso quando está em um relacionamento?

- como você lê a relação entre a sua auto estimulação sexual e a prática do sexo com outra pessoa

BLOCO 4

Nesse bloco vamos encaminhar a discussão pro campo da militância.

- você se sente mais conectada com seu corpo?
 - a exploração da masturbação te empodera de alguma forma?
 - o que muda na sua forma de explorar a vida uma vez que você se conecta com seu corpo?
 - qual a relevância da afirmação da masturbação enquanto ferramenta de apropriação das nossas sexualidades
- *espaço pra falar sobre sexualidade de um viés específico levando em consideração as particularidades de cada uma*
- exploração da sexualidade enquanto mulher: lésbica, negra, trans, periférica.

As perguntas servem pra guiar nossos focos de conversa mas a atenção da direção vai estar especificamente ligada aos caminhos orgânicos que as conversas forem tomando, dando grande importância àquilo que nasce do encontro entre mulheres num ambiente criado pra isso.

BLOCO 5

Enfim todas as meninas vão ser convidadas a se expressar de outras formas, utilizando materiais de pintura, desenho, modelagem, recorte e colagem, etc.. a fim de que tenhamos um

canal expressivo de outra ordem pra dizer sobre nossos corpos e sexualidades.

Os trabalhos serão inseridos na montagem de acordo com a conexão deles com a fala das meninas.

Ficha Técnica

Roteiro: Ana Luisa da Mata

Direção: Ana Luisa da Mata

Assistente de direção: Yasmin Lucchesi

Direção de produção: Alice Botelho

Produção: Beatriz Costa e Luisa Xavier

Direção de Arte/Cenografia: Ana Luisa da Mata

Figurino/Maquagem: Luisa Xavier e Yasmin Lucchesi

Direção de Fotografia: Thamires Pereira

Operação de câmera: Marcela Morê

Edição e Montagem: Alice Botelho

Trilha Sonora: Bárbara Guinle

Projeto gráfico: Maria Flexa

ANEXO I - CRONOGRAMA

ANEXO II - ORÇAMENTO

ANEXO III - AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DA MONOGRAFIA



AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

Niterói, 18/07/2019

Eu, **ANA LUISA DA MATA GOMES**, CPF 119.991.006-62, formando(a) do curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada **"TOCA: AFIRMAÇÃO DA MASTURBAÇÃO FEMININA COMO FORMA DE LIBERTAÇÃO DA REPRESSÃO SEXUAL."** defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em extensão PDF.

ANA LUISA DA MATA GOMES